

## **CORPO COMESTÍVEL**

Pedaços de um corpo feminino moldados em chocolate e marzipan. Peitos, bocas, colo, púbis..., em tamanho reduzido ou natural, servidos sobre a mesa. Três mulheres, vestidas de vermelho, negro e branco — personagens interpretadas pela própria artista, que modelou as peças a partir do próprio corpo — oficiam a refeição, o repasto totêmico onde se come, não o pai tirânico da horda primitiva, como imaginou Freud, mas a mãe desde sempre desejada.

A descrição é sumaríssima, mas dá a conhecer o mais recente trabalho de Rosa Esteves: "Corpo comestível". Tal trabalho, de índole antropofágica, atualiza o debate sobre as difíceis relações entre arte e consumo na contemporaneidade. Contra o fetichismo da saúde, o culto ao corpo jovem, ao músculo-espetáculo (último disfarce do puritanismo norte-americano globalitário), a experiência aqui tem lugar é a do registro delével de um corpo que, demiurgicamente, se configura à margem das armadilhas narcísicas, a salvo das imagens prontas, convencionais, colocadas à nossa disposição pelos imperativos da propaganda, da beleza serializada.

Por um lado, tal registro não é estritamente "naturalista", mas aproveita acidentes e imperfeições originadas durante o processo de modelagem. Por outro, sua capacidade de subtrair o corpo à erosão do tempo (paralisado nos negativos de gesso e silicone) é contrabalançada pela impermanência do material utilizado nas peças; alimento destinado à saciação dos espectadores-comensais.

Quanto às referências no campo das artes plásticas, "Corpo comestível" dialoga, por exemplo, com a obra de Amélia Toledo, de quem Rosa Esteves foi aluna, na FAAP, em meados dos anos 70. Mais especificamente com as séries de relevos em gesso, bocas, exposto recentemente em retrospectiva no MASP, e mostra Jovem Arte Contemporânea (JAC), em 1974, quando a censura e a repressão açaimavam quem ousasse desafinar o coro dos contentes. Lá como aqui, além da continuidade na escolha dos procedimentos, o ícone da oralidade servindo para representar o que o mundo oferece de *intragável* em diferentes momentos de nossa experiência histórica.

Outro ponto importante a ressaltar prende-se à recuperação de uma certa imagem do feminino num momento histórico em que as distinções de gênero se esbatem, em que o erotismo deriva para o espaço da transexualidade, do charme andrógino, do corpo-prótese e do gozo artificial. Assim, seja por tematizar o envelhecimento, seja por enfatizar a "potência nutriz" da mulher, Rosa Esteves coloca novamente em cena uma certa figuração do feminino que a revolução sexual, com êxito notável, tratou de impugnar.

Por fim, se o corpo é, como queria Merleau-Ponty, a um só tempo vidente/reflexivo e visível, se a relação corpo-mundo é de natureza estesiológica, havendo uma carne do corpo e uma carne do mundo (e uma interioridade que se propaga de um a outro numa reversibilidade permanente), esses pedaços de corpo, impressões fósseis do mundo, seguirão constituindo objetos internos bons, apetecíveis, criando água em todas as bocas do espírito.

FABIO WEINTRAUB, 2003

(Poeta, autor de *Novo Endereço* (Prêmio Casa de Las Américas, 2003).